

Recife, † 4-1-1937

Em 27 de novembro de 1896, a bordo do "Rosário", vapor italiano, chegava de volta da Europa o Pe. Giordano, com numerosa comitiva, dela fazendo parte o coadjutor Adalberto Urbanowicz. Nos quatro primeiros anos este virtuoso irmão, trabalhou incessantemente no colégio do Sagrado Coração em Recife. Com a fundação da Escola Agrícola de Jaboatão, o snr. Adalberto foi um dos escolhidos para integrar o pessoal da casa. O seu braço forte cavou levadas e rêgos por toda a parte. Era de força descomunal como poucos. De estatura elevada; corpulento e amante do trabalho, para ele bastavam os seus instrumentos agrícolas e o silêncio. Trabalhava sempre sozinho. E nesse trabalho unido à oração e à meditação, foi plasmado o seu espírito forte, diria mesmo, adamantino, de santo. Sua fala pesada e difícil alegrava os garotinhos, que ele às vezes tinha de assistir. Era o dispenseiro correto, o horticultor esforçado e o assistente paciente. Após vários anos de labuta na casa de Jaboatão é ele transferido para a escola de Tebaida, em Sergipe, onde continuou no mesmo regime. Também aí se viu o valor de seu braço. Nesta outra escola agrícola, o snr. Adalberto além de fazer trabalhos extraordinários de saneamento e irrigação em quase todo o terreno, era o dispenseiro e o assistente do dormitório. A cerveja que preparava com verdadeira competência, era procurada, máxime pelas visitas. Até alta noite, ele passava remendando as roupas dos meninos. Era um divertimento de todos os dias, ver-se aquele homenzarrão, de mãos gigantes e dedos enormes, agarrado a uma agulha pequenina, sentado numa cadeira tosca dentro da cela. Era mesmo um gigante silencioso. Com esse regime de seriedade todos o admiravam e todos o amavam. Quando todos os salesianos dessa Escola Agrícola adoe-



ciam, um só ficava de pé era o snr. Adalberto. Vendia saúde. A sua fôrça hercúlea era admirada. Lá na Tebaida, por longos anos ficou em exposição, no campo, uma grande lage, que êle só removera, quando seis homens forcejavam debalde. Fechada que foi a Escola Agrícola, por falta de meios de manutenção do pessoal docente e discente, o snr. Adalberto volta à antiga Escola de Jaboatão. Passados alguns anos de trabalhos agrícolas, cai doente. É transportado para o Colégio de Recife. Sua vida transfigura-se. A sua pá transformou-se num grande terço. O carro de mão de 20 quilos passou a ser um pequeno recipiente em que êle apanhava os fragmentos de pão que os alunos desperdiçavam pelos pátios do Colégio. Êste foi desde então o pão para sua mesa. Não aceitava outro.

Na última doença que foi longa êle sofreu muito. Sofreu mais ainda a doença dos velhos, que se julgam abandonados pelos moços, atarefados e poucos compreendedores das coisas e casos da velhice.

Depois de muitas dores e de muita resignação, depois de nos deixar tantos exemplos de virtude e valor, faleceu êste bom coadjutor salesiano, entre as lágrimas dos seus irmãos.